

# “Travesti Não é Bagunça”: Uma Análise Discursivo-Crítica das Representações de Luana Muniz nas Práticas Midiáticas Jornalísticas Digitais

---

“Travestite is not a mess”: A critical discursive analysis of the representations of Luana Muniz in the journalistic media practices

Marcelo Rodrigues de Lima<sup>1</sup>

Thalita Rody Machado<sup>2</sup>

Maria Carmen Aires Gomes<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, propomos reflexões sobre como o “corpo diferente”, o que não atende às regulações da norma hegemônica, é representado discursivamente nas práticas midiáticas jornalísticas digitais sob a perspectiva dos estudos discursivos críticos (FAIRCLOUGH, 2001; 2003). Seleccionamos cinco títulos de notícias e seus respectivos títulos auxiliares, os quais informaram a morte da travesti Luana Muniz, em 06 de maio de 2017. A análise dos títulos e de seus subtítulos será desenvolvida a partir de subsídios fornecidos pela Análise do Discurso Textualmente Orientada (FAIRCLOUGH, 2001) e pela Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996), com o objetivo de compreender como se constroem os discursos sobre as identidades *travestis* e, principalmente, quais são as representações desses corpos dissidentes nas práticas midiáticas jornalísticas digitais. Por fim, a partir das macrocategorias de *inclusão* e *exclusão* (VAN LEEUWEN, 1996), buscaremos analisar como os atores envolvidos foram representados nessas práticas sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso Crítica; Gênero; Travestis; Práticas Midiáticas Jornalísticas.

## Contextualização

Na contemporaneidade, é impossível pensarmos o corpo fora das vivências culturais e sociais, das nossas práticas políticas, ou seja, sem levar em conta a historicidade e a vida em sociedade. Essa compreensão da corporeidade como fenômeno sociocultural e histórico é debatida pelos estudos desenvolvidos pela Sociologia do

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

<sup>2</sup> Mestranda em Letras pela Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

<sup>3</sup> Professora Associada II do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Corpo (Cf. LE BRETON, 2003; 2007) e tem como premissa fundamental o fato de que o corpo é o local de mediação entre as pessoas e o mundo; além disso, é o lócus material da performatização de nossos gêneros sociais. No entanto, ao debater sobre a relação entre o conceito de performatividade e a política de precariedade, Butler afirma que “temos de pensar o lugar de corpos atuantes e de corpos movendo-se livremente dentro de uma democracia.” (BUTLER, 2015, p.24). O corpo, dessa forma, “é uma rede visual, discursiva, e relações tácitas que se tornam parte da sua historicidade, seu passado, presente e futuro constitutivos” (BUTLER, 2004, p.217). Ou seja, os corpos se constituem por meio de “relatos implícitos da ontologia” (p.214), por meio de discursos, por atos de fala e performances corporais e linguísticas. Por isso, podemos pensar que o discurso/corpo gera efeitos tanto de inclusão quanto de exclusão em relação às vulnerabilidades e privilégios socioculturais e históricos.

Neste artigo, propomos reflexões sobre como o “corpo diferente”, o que não atende às regulações da norma hegemônica da heterossexualidade compulsória, é representado discursivamente nas práticas midiáticas jornalísticas sob a perspectiva dos estudos discursivos críticos (FAIRCLOUGH, 2001; 2003). Ao usarmos o atributo “diferente” para este tipo de corpo, podemos, também, de algum modo, reconhecer o outro e, ao mesmo tempo, refletirmos acerca das performatizações de gênero e das regulações da norma.

Para este estudo, selecionamos cinco títulos de notícias e seus respectivos subtítulos, que informaram o falecimento da travesti Luana Muniz, em 06 de maio de 2017, após complicações renais e cardíacas decorrentes de uma pneumonia bilateral. Conhecida como Rainha da Lapa e autora do famoso enunciado “Travesti não é bagunça”, Luana teve sua primeira aparição na mídia hegemônica televisiva em 2010, no programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo, cujo episódio abordava a temática da prostituição.

Ativista, Luana era dona de um casarão na Rua Mem de Sá, onde funcionava a sua ONG “AGENTTLES” (Associação das Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro) – associação criada para reivindicar direitos e melhorias na vida de travestis e transexuais. Trabalhou como profissional do sexo por quase cinco décadas e compôs o cenário artístico com suas performances por

quase quarenta anos. Sobre seu processo de se reconhecer travesti, em entrevista ao site *Acessa.com*<sup>4</sup>, Luana declarou que ser “Travesti é de dentro para fora, não se descobre, mesmo porque não está coberta. Eu sou o reflexo do que já nasceu comigo e tudo custou muito caro e custa até hoje”. Ela também foi uma das fundadoras do projeto DAMAS, da Prefeitura do Rio, que tem como objetivo principal capacitar a população trans para o mercado formal de trabalho, no Projeto Travesti e Cidadania, da CIEDS.

A análise dos títulos e subtítulos será desenvolvida a partir de subsídios fornecidos pela ADTO – Análise do Discurso Textualmente Orientada (FAIRCLOUGH, 2001) e pela Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996), com o objetivo de compreender como as construções discursivas sobre as identidades travestis são iteradas e citacionalizadas e, principalmente, quais são as representações desse corpo/discurso nas práticas midiáticas jornalísticas digitais.

### **ADC como ferramenta para a análise de práticas sociais midiáticas**

O interesse pelo discurso em diversas áreas do conhecimento, tais como a Psicologia, a Sociologia e a Filosofia, corrobora com a afirmativa de que as mudanças no uso linguístico estão diretamente relacionadas a questões culturais e sociais mais amplas (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]). Isso indica que pensar a língua e seus desdobramentos implica na utilização de uma abordagem que atrele a investigação da mudança da linguagem à mudança social e cultural. Dessa relação dialética entre linguagem e sociedade emerge a abordagem dos estudos discursivos críticos.

A Teoria Social do Discurso (TSD), desenvolvida por Norman Fairclough (2001 [1992]), tem caráter emancipatório e posicionado, buscando não apenas a descrição linguística de um texto, mas, sobretudo, os traços linguístico-discursivos constituídos nele, que deixam transparecer investimentos ideológicos. Assim, a partir desses traços, torna-se possível, sob essa perspectiva de análise, uma interpretação explanatória crítica dos fenômenos sócio-políticos constituídos nos discursos e das relações de poder e dominação que eles exercem, mas que também ali se constituem. O discurso é, portanto, socialmente constitutivo e constituído socialmente (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.44), e se figura semioticamente nas mais variadas práticas sociais e redes de práticas

---

<sup>4</sup>Disponível em: <http://www.acesa.com/zonapink/arquivo/2016/02/13-conheca-atriz-rainha-lapa-luana-muniz/>. Acesso em: 05 maio de 2017.

por meio de três ações: (i) formas de agir e interagir socialmente, (ii) formas de representar ou “construir algum aspecto da realidade de uma perspectiva particular” e (iii) forma de significar, identificar discursivamente. Segundo Ramalho e Resende (2011, p. 48), “a semiose tem estrutura dupla, formada pela rede de opções do sistema semiótico (linguagem como estrutura), mas também pela rede de opções do sistema social da linguagem, as redes de ordens do discurso (linguagem como momento da prática social)”.

Ancorado na forma sistêmico-funcional de se pensar a língua e seus usos, Fairclough (2003) assume que a linguagem se configura como um sistema sociosemiótico, constituído por uma rede de recursos lexicogramaticais à disposição dos sujeitos nas mais variadas situações comunicativas e contextos, e tais recursos podem funcionar de variadas formas, nas mais diferentes ordens do discurso, que podem escolher determinadas combinações de gêneros discursivos, estilos e discursos, assim como excluir outras possibilidades de uso. Esse sistema sociosemiótico escolhido, selecionado, é organizado em ordens do discurso<sup>5</sup> (facetas discursivas capazes de produzir e iterar, até mesmo contestar saberes e poderes) e se materializa em textos.

Em 1999, Chouliaraki e Fairclough, repensando o conceito de discurso à luz das narrativas sociais e de uma agenda de pesquisa da ADC, compreendem o discurso como um dos momentos da prática social, porque “há muito se reconheceu a importância das ideias e conceitos na vida social, que se manifestam no discurso” (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012, p. 79).

O conceito de *práticas sociais* é trazido do materialismo histórico-geográfico de David Harvey (1996). Para esse geógrafo britânico, o discurso é um momento de práticas sociais dentre outros, como relações de poder, práticas materiais, relações sociais, crenças/valores/desejos e instituições/rituais, que, assim como os demais momentos, internaliza os outros sem ser redutível a nenhum deles. Apropriando-se desse conceito, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) definem práticas sociais como "maneiras recorrentes, situadas em tempo e espaço particulares, pelas quais as pessoas

---

<sup>5</sup> Fairclough (2001 [1992], p. 96) resgatando o conceito de “ordem de discurso” de Foucault afirma que “usarei o termo foucaultiano ‘ordem do discurso’ de preferência a interdiscurso, porque sugere mais claramente os tipos de configuração que tenho em mente”. Essa configuração diz respeito aos elementos linguísticos que para ele são: gênero, discurso e estilo.

aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agirem juntas no mundo".

Essas práticas particulares são constituídas em toda a vida social, por elementos dos domínios da economia, da política, da cultura, incluindo a vida cotidiana. Ou seja, as práticas sociais são formadas na articulação entre discurso e outros elementos sociais.

De especial interesse dessa vertente discursivo-crítica, hegemonia e ideologia são noções que nos permitem problematizar as relações de poder negociadas, contestadas, transformadas nas práticas sociais. A ideologia está intrinsecamente ligada às relações sociais, como expressão de tomada de determinada posição, iteradas por indivíduos posicionados sócio-historicamente. Para Fairclough (2001), ideologia são significações/ construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem dialeticamente para a produção, a reprodução e/ou a transformação das relações de dominação e poder. No que tange à hegemonia, Fairclough (2001) a compreende como um domínio exercido pelo poder de um determinado grupo sobre os demais e este domínio é baseado não no uso da força, mas no consenso, por meio de alianças, por exemplo. Entretanto, as relações de dominação que geram as desigualdades de poder são constituídas pelas constantes e instáveis disputas hegemônicas.

As hegemônias são produzidas, iteradas, contestadas e transformadas nos e pelos discursos. A relativa permanência de articulações entre elementos sociais cria uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos sociais (FAIRCLOUGH, 2001). Ao conceito de luta hegemônica, Fairclough (2001) acrescenta que ela “localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família) com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). Os estudos discursivos críticos se dedicam, portanto, à discussão e reflexão sobre o modo como o discurso é investido por ideologias e constituído (e constituinte de) por relações de poder no foco das lutas hegemônicas.

Retomando as reflexões de Foucault (1987) sobre as relações de poder, a constituição do Eu e o dizer verdadeiro de si, Butler (2015, p. 154) afirma que “nossa capacidade de refletir sobre nós mesmos, de dizer a verdade sobre nós mesmos, é igualmente limitada por aquilo que o discurso, o regime, não pode conceder ao âmbito do pronunciável”. Para Foucault (1987), dizer a verdade sobre si tem, historicamente,

um preço; e que o reconhecimento é uma forma de poder, pois quem diz algo, diz para alguém, diz a partir de uma posição, executa poder, pois o usa e o distribui, ou seja, quem fala executa uma ação “que acontece no campo de poder e que também constitui um ato de poder” (BUTLER, 2015, p. 159). Assim que “quando agimos e falamos, não só nos revelamos, mas também agimos sobre os esquemas de inteligibilidade que determinam quem será o ser que fala, sujeitando-os à ruptura ou à revisão, consolidando suas normas ou contestando sua hegemonia” (BUTLER, 2015, p. 167).

Dessa maneira, analisaremos os discursos produzidos pelos jornais sobre a travesti Luana, tomando como ponto de partida a tese de que as pessoas fazem escolhas “sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p.104). Dessa forma, estamos compreendendo discurso como uma representação de aspectos do mundo, que se constituem de diferentes perspectivas sócio-históricas e, também, politicamente.

Uma categoria analítica que nos permitirá analisar as representações sociodiscursivas sobre Luana em diálogo com as reflexões teórico-metodológicas ensejadas por Fairclough (2001 [1992]; 1999; 2003) será a representação de atores sociais, proposta e desenvolvida por Theo van Leeuwen (1996).

Para van Leeuwen (1996, p.170), “a agência sociológica nem sempre é realizada pela agência linguística, pelo papel gramatical do agente”, o que implica dizer que não há uma correferência entre categorias sociológicas e gramaticais, tornando fundamental, portanto, olhar os dados de maneira crítica e de forma a explorar as causalidades e opacidades. O autor propõe, assim, uma rede de sistemas sócio semântica, constituída por distintos elementos, que “vão desde o nível léxico-gramatical até o nível do discurso, da transitividade, da referência, do grupo nominal, das figuras retóricas, etc.” (VAN LEEUWEN, 1996, p.216). Tal rede de sistemas tem como ponto de partida dois eixos: **Exclusão** (há ausência de representação de indivíduos) e **Inclusão** (presença de indivíduos nos textos). A partir dessas categorias basilares, outras são constituídas e subdividas. Dependendo das escolhas, os atores sociais (eventos ou participantes) podem ser incluídos ou excluídos nos textos produzidos.

### **Corpo, gênero e performatividades**

Em *Problemas de Gênero*, Butler (2003, p.33) argumenta que o gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural”. Salih (2012, p.113), resgatando conceitos fundamentais de Butler, considera que “o corpo, aparentemente ‘natural’ não é mais que um ‘efeito naturalizado’ do discurso”. Trata-se do *corpo como significado e como significação*, [...] um corpo que é construído linguisticamente e discursivamente”.

Uma visão performativa da linguagem, nas reflexões butlerianas, perpassa pela ideia de ação, de algo que está operando, transformando; visão esta resgatada inicialmente dos estudos de J. Austin e Searle, mas criticada e ampliada por Derrida (1990), para quem o enunciado performativo opera continuamente, para além do momento da enunciação, e essa propagação deve-se não só ao contexto (mesmo porque esse muda – ou mesmo limita – em função das categorias de tempo e espaço), mas à iterabilidade do ato e à citacionalidade, que traz certa convencionalidade ao ato. Butler afirma que “linguagem é também a coisa que nós fazemos. Linguagem é, assim, irreduzível à sua instrumentalidade, irreduzível ao seu contexto simples, e inapreensível em sua totalidade.” (BUTLER, 2003, p.105). Em *Problemas de Gênero*, Butler (2003) cunha a expressão performatividade de gênero, problematizando o ato performativo como propriedade da constituição do gênero e do corpo, e das normas em geral, compreendendo a repetição como forma de alteração, e a citação, como uma operação que pode se deslocar para qualquer contexto.

A filósofa opta pelo conceito de performatividade política de identidade de gênero ao invés de “construção”, pelo fato de este último exigir uma agência, uma ação voluntária, e como se pode perceber, as reflexões butlerianas incidem sobre um horizonte normativo que constrange e limita os corpos, apesar de termos a possibilidade de não nos reconhecermos nestas normas e padrões, ocasionando momentos de crise (BUTLER, 2014): “performatividade não é só algo que uma pessoa faz, mas também como algo encenado no coletivo.” (BUTLER, 2015, p.24).

Ao debater sobre a relação entre o conceito de performatividade e a política de precariedade, Butler afirma que “temos de pensar o lugar de corpos atuantes e de corpos movendo-se livremente dentro de uma democracia.” (BUTLER, 2015, p.24), isso porque o corpo “é uma rede visual, discursiva, e relações tácitas que se tornam parte da sua historicidade, seu passado, presente e futuro constitutivos.” (BUTLER, 2004,

p.217). Ou seja, os corpos se constituem por meio de “relatos implícitos da ontologia” (BUTLER, 2004, p.214), por meio de discursos, por atos de fala e performances corporais e linguísticas. Como afirma Butler (1999 apud SILVA, 2009, p.95) “a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas”. Ao questionarmos e cessarmos a iteração e citação das relações de poder existentes, aquelas dadas como naturais, deixamos insurgir identidades antes violentadas. Os corpos que resistem às normas, à naturalização, tornam-se corpos “abjetos”<sup>6</sup>. Ainda que rejeitados sob o viés binário, esses sujeitos, embora precisem se ajustar à norma, tornam-se fundamentais, todavia, pelo fato de que fornecem as fronteiras, os limites e desajustes dos corpos socialmente legitimados.

A concepção binária dos gêneros, afirma Bento (2006; 2008), “reproduz o pensamento moderno para os sujeitos universais, atribuindo-lhes determinadas características que, supõe-se, sejam compartilhadas por todos” (BENTO, 2006, p.71) e, mais que isso, “produz e reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais” (BENTO, 2006, p.90). Nesse sentido, o corpo passa a ser compreendido como “naturalmente dimórfico, como uma folha em branco, esperando o carimbo da cultura que, por meio de uma série de significados culturais, assume o gênero” (BENTO, 2006, p.98).

As travestis então, no espectro da regulação, são corpos e identidades que transitam entre os opostos socialmente construídos (ser homem e ser mulher) e revelam as limitações e as possibilidades ontológicas que não obedecem à matriz ficcionalmente binária. Segundo Bento (2008, p.38),

[...] as experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. [...] Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis, e ao fazê-lo se põem em risco porque desobedecem às normas de gênero; ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas.

Comumente, as pessoas compreendem que o gênero se dá em relação direta à

---

<sup>6</sup> Pela lógica político-normativa, corpos abjetos são os considerados como corpos que não possuem uma existência legítima. Para Butler (2003), corpos abjetos são corpos aos quais negam-se a materialidade, excluídos e deslegitimados dentro de determinada matriz cultural.

genitália, aos órgãos sexuais, conforme determinados biologicamente, por meio dos cromossomos. Assim, desde o momento da gestação configura-se a ânsia sobre a constituição do outro e há um norteamento a partir do momento em que se revela o ‘sexo do bebê’: “É menino! É menina!”. Neste momento, os construtos sociais sobre masculinidades e feminilidades se ancoram sobre este corpo e encontram respaldos na escolha do nome, nas cores, nos comportamentos esperados, nos brinquedos etc., ou seja, nas estilizações, nos atos iterativos produzidos pela família, pelos amigos, pela Igreja (BENTO, 2008). Portanto, cria-se um horizonte de expectativas sobre o outro, que dará continuidade, a partir da revelação do sexo, à formação de identidades em relação à genitália, corroborando com a construção docilizada da feminilidade e virilizada da masculinidade. É neste momento em que se iniciam as confusões epistemológicas entre a anatomia, a fisiologia da reprodução e a performatização do gênero.

Em função de tantas repetições, de tantos comportamentos, gestos, posturas, atos de fala regularizados e citados em variados contextos, temos a impressão de que somos naturalmente constituídos conforme regulariza a matriz da heterossexualidade compulsória. No entanto, é por meio dessa exigência, restringida e constrangida, que as diferenças, os desvios e a subversão surgem. Ou seja, há uma atualização de práticas com outros gestos, posturas, comportamentos, novas estilizações que produzem e formam as Outridades (BENTO, 2015).

A busca por autonomia e reconhecimento de identidade não é dissociada das vivências em sociedade; isso significa que a constituição dos sujeitos se dá também na esfera social, por sua vez, pela interpelação das normas e das execuções das relações de poder. Essa ‘afronta’ ao regime pautado pelo binarismo de gênero promove, certamente, a discussão a respeito do que é ou não legítimo socialmente, à medida que desestruturam a naturalização do humano. São essas identidades, ao iniciarem o processo de agência, que refutam a ideia que reduz a duas alternativas a identidade das pessoas e questionam e denunciam “que as normas de gênero não estabelecem um consenso absoluto na vida social, desafiam as fronteiras entre experiência individual e a necessidade do reconhecimento social” (TEIXEIRA, 2013, p.22). Nesse sentido, Butler afirma que:

[...] a agência individual está ligada à crítica social e à transformação social. Somente se determina o “correto” sentido de gênero, na medida em que as normas sociais existem para

apoiar e possibilitar aquele ato de reivindicar o gênero para si mesmo (BUTLER, 2003, p.21).

Por meio das considerações pontuadas acerca, sobretudo, das identidades *travestis*, compreendemos que, por transgredirem, transitarem e, assim, desestruturarem o binarismo de gênero e as identidades previamente constituídas, essas identidades não representam o viável, o aceito. Por fornecerem a quebra de fronteiras do que pauta hoje a compreensão das identidades na nossa sociedade, este trabalho vincula-se a um interesse também político, pois nele pretendemos evidenciar a importância de sujeitos e identidades de gênero que confrontam os limites e que, por isso, pela busca de autonomia, são cotidianamente negligenciados, violentados e deslegitimados.

### **Procedimentos metodológicos**

Para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa, de cunho documental, adotamos os modelos teóricos e metodológicos propostos pela Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) e pela Gramática Sistêmico Funcional (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004), para investigar e explicar as representações discursivas de Luana Muniz em textos jornalísticos disponibilizados em esfera digital, em uma perspectiva explanatória crítica.

Selecionamos uma amostra discursiva de cinco títulos de notícias digitais e seus respectivos subtítulos, os quais noticiaram o falecimento da travesti Luana Muniz. Tais títulos foram resultado de uma busca on-line no Google, localizados a partir da procura das palavras-chave “Luana Muniz”, no recorte temporal de 06 a 08 de maio de 2017. De acordo com o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010), os leitores, geralmente, leem apenas o título da maior parte dos textos publicados. Logo, o título possivelmente configura tudo que o leitor lerá sobre o assunto ou o elemento que irá motivá-lo a continuar a leitura. Já os subtítulos, ou linha-fina, tem a função de completar o sentido do título ou dar mais informações. Essa importância dos títulos e subtítulos justifica nossa escolha por esses objetos de análise. Dos resultados obtidos pela pesquisa, selecionamos os títulos que apresentavam conteúdo distinto:

#### **Quadro 1 - Jornal on-line “O DIA” (06/05/2017 15h34. Atualizado: 06/05/2017 19h51).**

Título: Morre a travesti Luana Muniz, símbolo da Lapa
-------------------------------------------------------

Subtítulo: Ela ficou famosa pelo bordão 'Travesti não é bagunça' e por acolher travestis, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão no bairro.

Fonte: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-05-06/morre-a-travesti-luana-muniz-simbolo-da-lapa.html>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

**Quadro 2 - Jornal on-line “G1”: (07/05/2017 13h01. Atualizado: 07/05/2017 13h06).**

Título: Morre no Rio travesti conhecida como 'Rainha da Lapa'

Subtítulo: Enterro acontece neste domingo (7), no cemitério de Irajá. Luana Muniz era dona de um casarão e alugava quartos para outros travestis morarem.

Fonte: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/morre-no-rio-travesti-conhecida-como-rainha-da-lapa.ghtml>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

**Quadro 3 - Jornal on-line “Diário On-line”: (06/05/2017. 19h57. Atualizado: 06/05/2017 21h37).**

Título: Morre travesti envolvida em polêmica com Padre

Fonte: <http://m.diarioonline.com.br/entretenimento/fama/noticia-412427-morre-travesti-envolvida-em-polemi-ca-com-padre.html>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

**Quadro 4 - Jornal on-line: “Blasting News”: (06/05/2017. s/h).**

Título: Lembra da travesti da foto com o Padre Fábio? Ela teve uma morte dramática

Subtítulo: Travesti morreu aos 56 anos, após ficar famosa por registro com Padre Fábio de Melo.

Fonte: <http://br.blastingnews.com/tv-famosos/2017/05/lembra-da-travesti-da-foto-com-o-padre-fabio-ela-teve-uma-morte-dramatica-001679281.html>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

**Quadro 5 - Jornal on-line “Estadão”: (08/05/2017, 12h33).**

Título: Morre Luana Diniz, a travesti ativista que ficou famosa ao posar ao lado do padre Fábio de Melo

Subtítulo: Luana era ativista dos direitos humanos e ganhou as redes sociais após o bordão ‘travesti não é bagunça’.

Fonte: <http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,morre-luana-muniz-a-travesti-ativista-que-ficou-famosa-ao-posar-ao-lado-do-padre-fabio-de-melo,70001767808>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

Para a análise, adotamos o modelo tridimensional do discurso proposto por Fairclough (2001). O autor justifica esse modelo afirmando que “qualquer ‘evento’ discursivo, isto é, qualquer exemplo de texto, é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”

(FAIRCLOUGH, 2001, p.22).

Segundo Ramalho e Resende (2011), é nesse modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001) que podemos observar a centralidade do discurso nas práticas sociais. As autoras apontam que “a análise da prática social se dá pelo texto. É através dele que se exploram as estruturas de dominação, as operações de ideologia e as relações sociais” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.189).

### **Análise e discussões**

Analisamos os discursos tomando como ponto de partida a tese hallidayana de que as pessoas fazem escolhas “sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p.104). Assim, a partir das macrocategorias de *inclusão* e *exclusão* (Cf. RAS), analisaremos como os atores sociais foram representados nos textos midiáticos.

As práticas midiáticas selecionadas tinham como pauta principal informar a morte de Luana Muniz. Contudo, a análise nos levou a presumir que o evento assumiu a posição de pano de fundo para o que se tornou um espaço de representação sociodiscursiva da travesti Luana Muniz, do padre Fábio de Melo<sup>7</sup> e da relação entre eles. Além disso, a forma sensacionalista com que o evento foi noticiado abriu a possibilidade para diferentes potencialidades significativas de sua morte.

(1) **Morre travesti** envolvida em **polêmica com Padre** (Diário On-line, 06/05/2017, Título);

(2) Lembra da **travesti da foto com o Padre Fábio?** Ela teve **uma morte dramática** (Blasting News, 06/05/2017, Título).

As escolhas lexicais “polêmica” e “dramática”, geralmente presentes em jornalismo de entretenimento e fofoca, reforçam o tom sensacionalista dado à morte de Luana, sugerindo certa relação de proximidade entre eles. No excerto (1), o processo “morrer” aparece em posição temática, dando ênfase antes ao acontecimento do que à pessoa, assim como o excerto (2) que, também em posição temática, coloca o processo

---

<sup>7</sup> Neste estudo, utilizaremos a construção lexical “**padre** + Fábio de Melo” compreendendo que o uso iterado e citado nos mais variados contextos – religioso, político, social – do léxico “padre” promoveu um esvaziamento de significado, deslocando a ideia de função social para um tipo de pronome de tratamento.

mental “lembrar” em uma construção interrogativa, que vai acionar os conhecimentos do fato junto aos leitores da mídia. Usar uma construção lexical de posse, “travesti da foto”, sugere que Luana foi a responsável por causar tal situação polêmica. Além disso, tanto o excerto (1) quanto o (2) semantizam o padre Fábio como uma circunstância comitativa, sugerindo ao leitor que o padre fez parte (ou participou) do contexto da morte da travesti.

Dessa forma, ao classificar avaliativamente a morte da “travesti” como “dramática”, o título abre possibilidade para hipóteses de morte relacionadas à identidade de gênero de Luana e sua profissão, quando, na verdade, seu falecimento foi causado por insuficiência respiratória – o que dissocia a identidade “travesti” do motivo de sua morte. Isso é reforçado pelo alto grau de violência relacionado à morte de travestis. Segundo dados da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), até 30 de setembro de 2017, pelos menos 115 pessoas travestis e transexuais foram assassinadas somente neste ano no Brasil. Como aponta Bento (2017, p.24), “quando se mata uma travesti, a motivação do crime está na negação daquele corpo em coabitar o mundo humano, que é dividido em homens-pênis e mulheres-vagina”. Esse número de morte pode ser maior que o divulgado, considerando que o mapeamento dessas informações está baseado apenas nos casos noticiados pela imprensa.

No que diz respeito à representação dos atores sociais Luana e Fábio, foi possível perceber a recorrência de dois processos de categorização: classificação e funcionalização (Cf. Representação dos Atores Sociais).

(3) Morre no Rio **travesti conhecida como ‘Rainha da Lapa’** (G1, 07/05/2017, Título);

(4) Morre **Luana Muniz, a travesti ativista** que ficou famosa ao posar ao lado do Padre Fábio de Melo (Estadão, 08/05/2017, Título);

(5) Morre a **travesti** Luana Muniz, símbolo da Lapa (O Dia, 06/05/2017, Título).

Embora tenha sido representada de maneira personalizada, com nome próprio, isso não foi suficiente para os textos midiáticos, já que Luana é categorizada como travesti em todos os excertos. Isso se difere do processo de funcionalização, uma vez que ela é identificada como ‘Rainha da Lapa’, ‘ativista’. Essa ocorrência evidencia que, embora ela seja sempre identificada a partir da categoria travesti, essa identificação é acompanhada de outros léxicos (como, por exemplo, “travesti conhecida”, “travesti ativista”, “travesti Luana Muniz”, “travesti da foto”, “travesti envolvida em polêmica”),

sejam avaliativos, sejam classificatórios, que contribuem para que ela seja, de fato, reconhecida como um gênero dissidente. No uso da funcionalização, a nomeação/personalização de Luana é excluída e, mais do que isso, substituída por sua função social: travesti. Não há marcas lexicogramaticais que seguem o léxico “travesti” para que Luana seja identificada de outra maneira. Ou seja, a função travesti é suficiente para compor o título das notícias e, aparentemente, para identificá-la, como apontam os excertos a seguir:

(6) Morre **travesti** envolvida em polêmica com Padre (Diário on-line, 06/05/2017, Título);

(7) Lembra da **travesti** da foto com o Padre Fábio? Ela teve uma morte dramática (Blasting News, 06/05/2017, Título).

Ainda sobre o processo de funcionalização, é interessante notar que, no que diz respeito ao outro ator social, Fábio, este processo é agregado a um processo de nomeação. Em outras palavras, o processo de funcionalização é responsável por demarcar uma ocupação, profissão ou função exercida pelo ator social. Já o processo de nomeação atribui ao sujeito nome próprio. O que percebemos aqui, entretanto, é que a função-padre é mesclada à nomeação, à medida que Fábio de Melo é sempre reconhecido como padre Fábio de Melo, tal qual um nome próprio. Isso se difere, por exemplo, do excerto que traz a função-padre sem acompanhar o nome do ator, e sem um artigo o definindo como “o padre”, incitando o tom de polêmica, suspeição e sensacionalismo sobre uma suposta relação entre os dois:

(8) Morre travesti envolvida em polêmica com **Padre** (Diário On-line, 06/05/2017, Título).

Outro ponto relevante para análise é a designação de gênero atribuída pelos artigos. É recorrente a confusão conceitual em relação à identidade de gênero – sexo. Em outras palavras, é comum que notícias se refiram a essas identidades, *as* travestis, na desinência masculina, *os* travestis, o que não ocorreu na amostra discursiva selecionada. O excerto (9), a seguir, comprova que essa confusão conceitual não ocorre quando relacionado à Luana, o que talvez se justifique pelo fato de ser uma figura conhecida na cidade do Rio de Janeiro, pelas mais distintas classes sociais, e ser identificada por um nome próprio feminino, o que pode motivar o acompanhamento da desinência também no feminino.

Ao falar de outras identidades, contudo, o veículo aponta essa confusão conceitual, apresentando, conseqüentemente, o fato de que essa matriz heteronormativa sexo-gênero ainda tem respaldo social e se manifesta linguisticamente, como no excerto (10):

(9) Morre Luana Muniz, **a travesti** ativista que ficou famosa ao posar ao lado do Padre Fábio de Melo. (Estadão, 08/05/2017, Título);

(10) Enterro acontece neste domingo (7) no cemitério de Irajá. Luana Muniz era dona de um casarão e alugava quartos para outros travestis morarem (G1, 07/05/2017, Subtítulo).

Nos excertos (11) e (12), os textos midiáticos tentam produzir uma representação de celebridade instantânea para Luana ao descrevê-la como pessoa “que ficou famosa ao posar ao lado do Padre Fábio de Melo” e “famosa pelo bordão”.

(11) Morre **Luana Muniz, a travesti ativista que ficou famosa ao posar ao lado do Padre Fábio de Melo** (Estadão, 08/05/2017, Título);

(12) **Ela ficou famosa pelo bordão** ‘Travesti não é bagunça’ e por acolher travestis, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão no bairro (O Dia, 06/05/2017, Subtítulo).

Rojek (2008), a partir de uma perspectiva subjetiva da construção da fama, aponta três status de celebridade: a conferida, a adquirida e a atribuída: “A celebridade conferida tem relação com linhagem: o status decorre da linha de sangue. [...] Em contraste, a celebridade adquirida deriva de realizações do indivíduo observadas em competições abertas” (ROJEK, 2008, p.20). Essas celebridades que apresentam esse segundo status seriam reconhecidas, de acordo com esse autor, como os sujeitos que possuem talentos ou habilidades raras. Já a celebridade atribuída resultaria de uma constante representação de um indivíduo como digno de nota, não necessariamente exclusiva de um trabalho significativo, um talento ou habilidade especial. Esse tipo de celebridade emerge no contexto contemporâneo e são, geralmente, construções midiáticas. Apesar do notável trabalho ativista de acolhimento e reivindicações por direitos e melhorias na vida de travestis e transexuais realizados por Luana Muniz, essas práticas midiáticas constroem para a militante um status de celebridade atribuída, principalmente, em função de seu encontro midiático com o padre Fábio de Melo.

Além disso, o fato de associar sua fama ao bordão “Travesti não é bagunça” também desmerece, ou deixa em segundo plano, o trabalho social feito pela ativista, responsável por lhe dar visibilidade e motivo pelo qual a foto foi tirada com o referido

padre. É importante ressaltar que, no mesmo programa em que Luana Muniz profere esse bordão, em um episódio do programa jornalístico *Profissão Repórter*, a matéria divulga sua casa de acolhimento a travestis. Entretanto, ao realçar somente o bordão, as práticas jornalísticas analisadas contribuem para uma representação caricata de travestis, como objetos de humor.

Por fim, observamos as identificações relacionadas à Luana através de investimentos discursivos-ideológicos, que ora abrem a possibilidade para uma discussão social, ora reproduzem as assimetrias acerca das identidades e representações travestis. Apenas o jornal online Estadão (11) a caracteriza, materializada linguisticamente, como ativista, marcando a identidade de Luana positivamente e dissociada da ordem discursiva do gênero e apenas o portal O Dia (12) se refere ao evento sem mencionar a relação de Luana com o padre Fábio de Melo.

### **Considerações finais**

Da análise apreendida sobre as representações de Luana Muniz nas práticas midiáticas jornalísticas digitais, constatamos que ela é representada por meio da categoria funcionalização “travesti” acompanhada por atributos que ora a legitimam, ora a deslegitimam para um/a possível leitor/a que a desconheça. Parece-nos que as práticas midiáticas precisam agir discursivamente dessa maneira para que Luana seja reconhecida como indivíduo que merece estar ao lado do padre Fábio de Melo que, em sua representação discursiva, não precisa ser descrito avaliativamente para os/as seus/as leitores/as.

Para Fairclough (2001, p.171),

Os textos postulam sujeitos intérpretes implicitamente estabelecem posições interpretativas para eles que são ‘capazes’ de usar suposições de sua experiência anterior, para fazer conexões entre os diversos elementos intertextuais de um texto e gerar interpretações coerentes.

Nos textos jornalísticos analisados, há um investimento ideológico de se criar uma suposta relação causal coerente entre ser travesti, identidade de gênero, e a prostituição. Essa repetibilidade do léxico “travesti”, como função-travesti, associada à prostituição garante a permanência da vulnerabilidade desse corpo frente à matriz heteronormativa compulsória. A marginalização desse corpo reflete no número

alarmante de travestis assassinadas unicamente por não corresponderem ao binarismo homem-pênis/mulher-vagina. Ao representar Luana Muniz pela função-travesti, há um apagamento de suas performatividades do feminino e sua postura ativista em relação às questões que envolvem a agenda política das travestis e das feminilidades transexuais.

Além disso, o destaque dado à Luana Muniz ocorre sempre em relação ao fato: a foto tirada em companhia com o padre Fábio de Melo e, apenas em algumas práticas midiáticas, menciona-se o trabalho social desenvolvido por ela, motivo, inclusive, de seu envolvimento com o padre. Ainda, quando sua nomeação segue acompanhada do atributo “ativista”, o destaque é dado à foto, ou seja, ao acontecimento, que mereceu destaque como notícia porque, a princípio, pela matriz reguladora religiosa conservadora não seria possível haver um padre ao lado de uma travesti, já que este é um corpo abjeto que não corresponde às normas do binarismo tal como iterados e citados, principalmente, pelas instituições religiosas e biomédicas. Isso nos indica que, embora Luana tenha sido figura importante no processo de participação de autonomia e emancipação de outras travestis, seu projeto social está sempre posto em segundo plano.

O que interessa às práticas midiáticas digitais analisadas, surpreendentemente exemplares de vozes hegemônicas e de resistência, é noticiar a morte da travesti envolvida com o padre Fábio de Melo, e não a travesti responsável pela emancipação de outras em uma esfera social transfóbica. Logo, podemos afirmar que as escolhas lexicais, os processos de classificação e funcionalização promovidos nos títulos e nos subtítulos, contribuem para a manutenção das relações assimétricas de poder e desigualdades de gênero.

## Referências

- ANTRA. *Mapa de casos de assassinatos de Travestis, Mulheres Transexuais e Homens Trans no território brasileiro no ano de 2017*. S/D. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1yMKNg31SYjDAS0N-ZwH1jJ0apFQ&ll=-15.172237574946923%2C-51.334074999999984-&z=4>>. Acesso em: 10 de mai. 2017.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Editora Garamond, 2006.
- , *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- , *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Natal. 2015.
- , *Transviad@s*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- , *Relatar a si mesmo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *Heidegger e a Questão do Espírito*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001.
- , *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, I; FAIRCLOUGH, N. *Political discourse analysis. A method for advanced students*. London: Routledge, 2012.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 32 ed. Petropolis: Vozes, 1987.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
- HARVEY, D. *Justice, Nature and the Geography of Difference*, Oxford, Blackwell, 1996.
- LACLAU, E; MOUFFE, C. *Hegemony and Socialist Strategy*. London: Verso, 1985.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- , *A Sociologia do Corpo*. Trad. Fuhrmann, S. Petrópolis: Vozes, 2ed, 2007.
- MANUAL DE REDAÇÃO. *Folha de São Paulo*. 16. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. D. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.
- SAFATLE, V. *O circuito dos afetos*. São Paulo: CosacNaify, 2015.
- SALIH.S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- SILVA, T.T. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 7-72, 2009.
- TEIXEIRA, F. *Dispositivos de dor: saberes poderes que (con) formam as transexualidades*. São Paulo: Annablume//FAPESP, 2013.
- VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Eds.) *Texts and practices: Readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge, 1996, p. 32-70.

**ABSTRACT:** In this article we are trying to promote reflections about how the queer

body, the body that does not inscribe itself under the hegemonic and normative regulations, is discursively represented in the journalistic media practices. Therefore we are going to promote the discussion under the perspective of the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001, 2003). We selected five news headlines and their subheads regarding the death of the transvestite Luana Muniz, on the 6<sup>th</sup> of may, in 2017. The analysis of the headlines and subheads is going to be developed from the subsidies supplied by the ADTO (FAIRCLOUGH, 2001), by the Transitivity System (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) and by the Theory of the Representation of the Social Actors (VAN LEEUWEN, 1996). We aim to understand how the discourse about the identities of the transvestites are built, and mainly, which are the representations of these bodies in the digital journalistic media practices. Lastly, we are going to analyze how the social actors involved were represented in these social practices by using the macro categories of *inclusion* and *exclusion* (VAN LEEUWEN, 1996).

**KEYWORDS:** Critical Discourse Analysis; Gender; Transvestites; Journalistic Media Practices